

Introdução à Cultura Visual

Ricardo Campos

Introdução à Cultura Visual

Abordagens e Metodologias em Ciências Sociais



LISBOA, 2013

© Ricardo Campos, 2013

Ricardo Campos

Introdução à Cultura Visual. Abordagens e Metodologias em Ciências Sociais

Primeira edição: julho de 2013

Tiragem: 400 exemplares

ISBN: 978-989-8536-23-5

Depósito legal: 364796/13

Composição em caracteres Palatino, corpo 10

Conceção gráfica e composição: Lina Cardoso

Capa: Nuno Fonseca

Revisão de texto: Manuel Coelho

Impressão e acabamentos: Europress, Ld.^a

Este livro foi objeto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas,

1649-026 Lisboa

Tel.: (+351) 217 903 238

Fax: (+351) 217 940 074

E-mail: editora.cies@iscte.pt

Site: <http://mundossociais.com>

Índice

Introdução	1
1 Imagem	9
A complexidade de um conceito	9
Imagem enquanto construção humana	14
Representações e dispositivos.....	17
Imagem e comunicação	23
2 Visão e visualidade	31
Corpo, sentidos e cultura: modelos sensoriais.....	31
Visão e visualidade	40
Sobre a hegemonia da visão	43
3 Cultura visual	49
Para uma definição de cultura visual	49
Uma cultura “visualista”?	54
Tecnologia.....	56
Média velhos e novos	59
Globalização.....	66
Consumo e estilos de vida.....	70
Corpo e moda	75

4	Cultura visual, ciência e conhecimento.....	81
	Epistemologia do olhar	81
	O olhar e a imagem nas ciências sociais.....	91
	A imagem em terreno logocêntrico.....	98
5	Metodologias visuais em ciências sociais.....	103
	Breve incursão histórica	103
	Imagem enquanto ferramenta de trabalho do cientista social.....	114
	Paradigmas: do “naturalismo” às abordagens “colaborativas”	116
	Pesquisa visual: o lugar e estatuto da imagem	120
	A imagem fotográfica	123
	Do filme ao hipermédia digital.....	129
	Analisando e interpretando imagens.....	133
6	Encerrando o ciclo	143
7	Conclusão.....	153
	Referências bibliográficas	157

Introdução

Se é verdade que desde o nosso nascimento lidamos com palavras, também não é menos verdade que desde tenra idade vivemos rodeados de imagens. Os sons e as imagens constituem parte do nosso mundo e desde cedo aprendemos a usá-los construindo sentido. Nos primeiros tempos de vida exploramos o mundo tacitamente, usamos também o olfato e principalmente o paladar, juntamente com a visão e a audição. Com o decorrer dos anos a audição e especialmente a visão vão adquirindo outra primazia. Tal deve-se às crescentes exigências cognitivas de uma realidade que vai complexificando os mecanismos de comunicação, recorrendo a imbricadas gramáticas e redes semânticas que exigem cada vez mais destreza. A escrita, a música, a pintura, a televisão ou o cinema são, entre outras, linguagens criadas e afinadas pelo homem ao longo da história. Estas apelam, como sabemos, principalmente à audição e à visão. Serve este introito para reforçar uma ideia que me parece crucial para abrir uma obra como esta. O mundo não é, ao contrário daquilo que muitos advogam, um cenário puramente (ou maioritariamente) visual. As imagens também não são, apesar do protagonismo que assumem, vetores hegemônicos de comunicação. Afirmá-lo seria negar toda a riqueza da nossa experiência num mundo composto de seres animados e inanimados, de entidades visíveis e invisíveis, que solicitam as mais distintas competências humanas.

Todavia, não obstante o facto de reconhecermos que a nossa experiência do mundo é complexa e multissensorial, o facto é que a nossa condição atual parece atirar-nos, cada vez mais, para uma relativa preponderância da visão. É hoje uma banalidade referirmos que vivemos rodeados de aparelhos óticos, visuais e audiovisuais, enquanto a rápida mutação tecnológica das nossas sociedades incentiva ainda mais essa situação. Existimos, por isso, cercados de ecrãs. Alguns acrescentariam que vivemos obcecados por eles. Tâteis ou não, parece que vieram para ficar e marcam, de facto, aquilo que de mais contemporâneo temos no que concerne à cada vez mais inabalável aliança entre imagem e tecnologia. Convém frisar que a imagem acompanhou o homem desde tempos remotos e não é, por isso, uma invenção recente. O que é relativamente novo na história da humanidade é a multiplicação de aparatos técnicos que, particularmente desde o aparecimento da fotografia e mais tarde do cinema, no século XIX, vieram transfigurar definitivamente não apenas a ontologia da imagem mas igualmente a nossa vivência visual do mundo.

Se refletirmos um pouco sobre esta questão verificamos que a aliança entre imagem e tecnologia percorre diversas esferas sociais e está presente em incontáveis momentos da nossa vida. Na educação e na ciência, na informação e no entretenimento, na vida política e militar, as imagens são elementos preciosos. Sabemos quão importante é a indústria do audiovisual para as modernas formas de lazer e entretenimento numa economia cultural cada vez mais globalizada. Mas raramente nos lembramos como as tecnologias óticas e visuais são e foram extremamente relevantes para a ciência, com dispositivos como o microscópio, o telescópio, o raio X, a ecografia, etc. A invenção de alguns destes instrumentos inaugurou uma nova era em que a opacidade da matéria é definitivamente transposta. Os corpos tornam-se transparentes, abrindo novos mundos ao olhar. As tecnologias visuais também são hoje cruciais para as manobras bélicas e para os modernos teatros de guerra, da mesma forma

que se revelam fundamentais para a (vídeo)vigilância dos cidadãos nas nossas cidades. A visibilidade tem estado, por isso, intrinsecamente aliada à vigilância e disciplina, como demonstram as múltiplas engenharias de deteção que foram sendo aperfeiçoadas ao longo do tempo.

Não podemos, obviamente, ignorar os meios de comunicação e as indústrias culturais, dado o papel de relevo que inquestionavelmente foram assumindo, essencialmente ao longo do século XX. O cinema e, particularmente, a televisão foram tantas vezes apelidados “janelas para o mundo”. Através deles acedemos a uma torrente de visões a uma escala sem precedentes. A realidade passou a ser narrada através dos ecrãs. Estas imagens técnicas e eletrónicas desregularam os antigos vetores espaciotemporais ao (re)apresentarem (e encenarem) inúmeros *locus* geográficos e históricos. Estes canais contribuíram, também, para que se falasse, cada vez mais, de uma cultura planetária. Uma cultura formada por uma série de imaginários e ícones translocais, erigida à força de circuitos de comunicação e de indústrias poderosas com enorme capacidade de disseminação. Quem viaja por esse mundo fora assiste ao impacto que este processo de globalização cultural foi tendo ao longo de várias décadas.

Mas há, também, algo de novo que tem vindo a despontar neste panorama. Na edição de dezembro de 2012 da revista norte-americana *Time* afirmava-se que dez por cento de todas as fotografias até agora produzidas no mundo tinham sido realizadas, precisamente, nesse ano.¹ Número espantoso, se tivermos em conta que a fotografia foi inventada há quase duzentos anos. As imagens técnicas são, hoje, as que dominam, não apenas pela sua capacidade de reprodução e propagação, mas também porque se incrustaram no âmago da nossa existência quotidiana. Quem não tem hoje um telemóvel com capacidade

1 Comentário de Kyra Pollack, diretora de fotografia da revista *Time*, em 13 de dezembro de 2012: <http://lightbox.time.com/2012/12/13/time-picks-the-top-10-photos-of-2012/#1>

de registo de imagens? Quem não acede diariamente, por breves minutos ou longas horas, a programas televisivos, a vídeos colocados no YouTube ou em plataformas similares, a fotografias colocadas nas redes sociais? Quem não dispõe em casa de variados aparelhos de captação de imagem? De alguma forma assistimos a uma maior democratização da produção visual. Hoje o cidadão comum tem acesso a uma cadeia de recursos que lhe permitem, de forma relativamente fácil e rápida, criar e, mais importante, publicar imagens através de canais alargados. Foi basicamente o cidadão comum, o não especialista, que contribuiu para que alcançássemos os valores sugeridos pela revista *Time* no que concerne à criação fotográfica. Isto representa, de alguma forma, uma inversão da pirâmide criativa, ao colocar os amadores no coração da atividade de produção imagética, influenciando determinantemente não apenas tendências estéticas, mas igualmente as estratégias das grandes corporações mediáticas. Os meios de produção criativa já não são detidos em exclusividade pelas indústrias culturais e mediáticas.

As palavras precedentes demonstram que esta é uma dimensão da vida social que não pode ser ignorada. A sua centralidade é de tal forma patente que só é estranho que as ciências sociais, particularmente em Portugal, tenham vindo a dedicar tão pouca atenção a este fenómeno. E que fenómeno é este? É precisamente aquilo que, genericamente, podemos intitular “cultura visual”. Apesar de tudo, este é um termo que começa a aparecer com mais frequência na agenda académica das ciências sociais de uma forma que, não raras vezes, em nada ajuda à sua clarificação. Se, por um lado, este termo endereça para um conceito operativo, por outro lado, também serve para classificar toda uma área de pesquisa de natureza interdisciplinar. Há, por isso, alguma nebulosidade que convém desvanecer.

Enquanto conceito, prevê a circunscrição de tudo o que é socialmente produzido e utilizado em termos visuais. Diria, porém, que a cultura visual não diz respeito apenas à imagem, apesar de esta possuir um papel central nesse universo. A meu

ver a cultura visual está essencialmente relacionada com as relações social, cultural e historicamente forjadas que se firmam no âmbito do visível e da visualidade. De uma forma algo simplificada, falamos do “ver” e do “ser visto”. Apesar de muitos entenderem a cultura visual principalmente a partir da perspectiva do espectador, do consumo e do usufruto de bens visuais (o “olhar”), a verdade é que a dimensão do “ser olhado” é crucial para pensar a cultura visual contemporânea. Esta dimensão é especialmente proeminente a partir do momento em que as inovações tecnológicas e especialmente a sua propagação permitiram uma multiplicação de aparatos de registo visual em que nós somos, cada vez mais, alvo de observação. Aponto não apenas para os incontornáveis meios de vigilância, mas igualmente para a profusão de equipamentos domésticos de captação visual (fotográfica e em vídeo) que nos tornam crescentemente o alvo das objetivas. Logo, tão rapidamente estamos por detrás das câmaras como nos encontramos diante delas. Esta permanente e veloz permuta faz parte da cultura visual contemporânea.

Quando mencionamos uma área de investigação denominada cultura visual (nalguns casos estudos visuais), estamos a referir-nos a algo relativamente recente e não verdadeiramente consolidado disciplinarmente, uma vez que consiste num empreendimento interdisciplinar envolvendo múltiplos programas epistemológicos. Tal diversidade apenas revela quão complexo e multifacetado é o horizonte da visualidade humana e dos artefactos e dispositivos que o compõem. A pintura, o cinema, o *graffiti*, a fotografia, a banda desenhada, a moda, o corpo, etc. são alguns dos alvos de interrogação de investigadores provenientes dos estudos culturais, dos estudos dos média, da história de arte, da sociologia, da antropologia, entre muitas outras disciplinas instituídas.

Dada a complexidade da temática e a multiplicidade de perspectivas, optei por uma obra que privilegia, precisamente, (entre) cruzamentos disciplinares. Todavia, este é um livro

pensado a partir da perspectiva das ciências sociais, nomeadamente da sociologia e da antropologia. São estas, por isso, as linhas dominantes de questionamento que nos irão guiar ao longo das próximas páginas. Nos últimos anos tenho vindo a desenvolver uma série de pesquisas e reflexões que se têm materializado em diversas publicações que visam estas matérias. Dos estilos juvenis ao *graffiti* urbano, do uso dos média digitais à aplicação das metodologias visuais, muitos têm sido os tópicos abordados. Este volume faz, de certo modo, uma súmula desse percurso académico, tocando diversas problemáticas teóricas e objetos de estudo.

Considero que este livro vem colmatar uma lacuna. Desde logo, julgo que faz falta uma obra de introdução que elenque uma série de questões teóricas e que faça o estado da arte relativamente à cultura visual no âmbito das ciências sociais. Enquanto investigador senti, tantas vezes, falta de um livro desta natureza. Grande parte daquilo que o leitor aqui encontrará visa, precisamente, fazer um apanhado teórico que permita erguer uma estrutura conceptual mais sólida sobre o universo da cultura visual.

Para além das abordagens teóricas, outra das preocupações do livro é de ordem metodológica. Apesar das diversas tímidas tentativas de instaurar as metodologias visuais como procedimentos heurísticos unanimemente aceites, o que é facto é que a imagem tem tido alguma dificuldade em entrar na academia. As razões são diversas e terei oportunidade de as trazer a debate. Para muitos é inquestionável que o logocentrismo das ciências sociais foi impedindo que a imagem adquirisse um peso mais significativo, não apenas na observação da realidade mas, igualmente, na sua descrição e narração. Apesar de termos bons exemplos de reunião entre a fotografia, o cinema e as ciências sociais, estes correspondem, salvo raras exceções, a episódios de alguma forma marginais e irrelevantes para o debate corrente de disciplinas como a sociologia e a antropologia. A clivagem entre o domínio da estética e da epistemologia continua, ainda hoje, a manter-se como

uma das mais persistentes dualidades, perpetuando a ideia de uma ciência social fria, rigorosa e objetiva, inspirada pelo patrimônio das ciências exatas e naturais. Contudo, o pensamento de tradição positivista tem sido largamente questionado no seio das ciências sociais nas últimas décadas, nomeadamente no campo da antropologia, obrigando a um reequacionamento de todo o empreendimento epistemológico (também ético e político) do cientista social. Apesar do ceticismo relativamente à imagem, atualmente encontramos-nos num período de recuperação desta, com grande investimento nas maquinarias visuais e audiovisuais. Certamente que a difusão dos engenhos digitais e dos seus circuitos de comunicação também contribui para esta situação.

Neste livro o leitor encontrará uma introdução a todas estas questões. Essa é, pois, a única ambição desta obra. Não aspirei a fazer uma abordagem exaustiva dos assuntos tratados e, muito menos, dar uma resposta categórica às várias questões levantadas. Procurei, isso sim, colocar na agenda das ciências sociais a esfera da visualidade como uma das dimensões mais marcantes da nossa vida coletiva. Desejo, ainda, que o livro possa despertar o interesse do leitor para muitas das questões que giram em torno da visualidade, levando-o a interrogar-se sobre a riqueza e complexidade deste universo. É esse, pois, o convite que lhe endereço.

